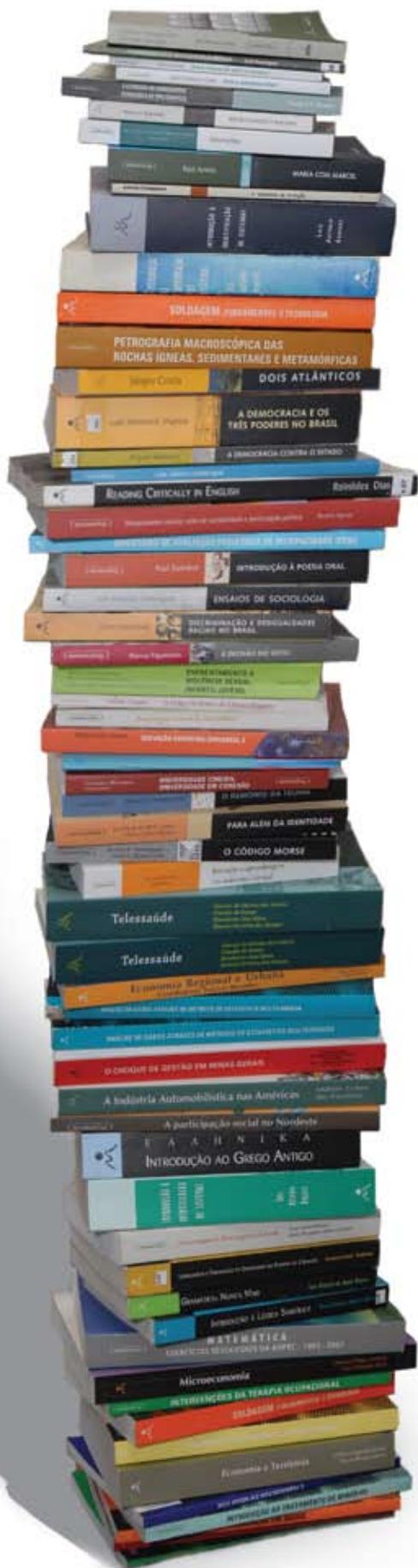




UFMG

# Boletim

Nº 1.713 - Ano 37 - 4.10.2010



## ESPELHO da UFMG

O catálogo de publicações da Editora UFMG funciona como uma baliza para compreender a dimensão da produção científica da Universidade. É o que diz o diretor Wander Melo Miranda, ao analisar os 25 anos de trajetória do órgão, que lançou ao longo do período quase 900 títulos e vendeu cerca de 700 mil exemplares.

Com reputação consolidada interna e externamente – tanto que metade de seus autores é de fora da UFMG –, a Editora prepara-se para dar um salto de qualidade em sua infraestrutura com a construção de nova sede.

Páginas 4 e 5

Programa estimula  
**TALENTOS** da matemática

Página 3

Estudo analisa **IMPACTO**  
da **REPETÊNCIA**

Página 6

# TRAÍDOS pela PALAVRA?

Maria Aparecida Moura\*, Ludmila Salomão Venâncio\*\* e Valéria Ramos de Amorim\*\*

A campanha presidencial de 2010 pode ser considerada como aquela em que mais se recorreu ao monitoramento eletrônico dos papéis, bravatas e repercussões discursivas. Trata-se de uma campanha mobilizada fundamentalmente por comunidades discursivas online e demarcada pela ausência da arena pública como instância de exposição e legitimação das propostas políticas.

Nesse sentido, os candidatos brasileiros, animados pela bem-sucedida estratégia de Barack Obama em 2008, adotaram, em maior ou menor grau, o parlatório digital.

No parlatório digital, embora a condição de emissor esteja mais acessível, o que se viu foi a amplificação do marketing político metamorfoseado em testemunhos e adesões de identificações passageiras e cambiantes. Da janela do Twitter, por exemplo, o correligionário de ocasião, protegido pelo relativo anonimato, pôde dizer e repassar mensagens políticas sem se preocupar com o curso dos acontecimentos no mundo da vida. A condição discursiva estabelecida pelos candidatos justapôs o discurso monológico e dialógico e deixou entrever um forte monitoramento das estratégias orientadas pelos fluxos de informação dos opositores.

Nesse contexto, Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva se esforçaram para manter um discurso com poucos pontos controversos. De maneira geral, prometeram aumentar os investimentos nas áreas de saúde e educação e manter as políticas que têm assegurado a estabilidade econômica do país e os programas assistenciais, como o Bolsa Família, considerados de grande aceitação pela população.

Em pesquisa realizada ao longo da campanha (<http://observatorio.inweb.org.br/eleicoes2010/destaques/>), obteve-se como resultado uma taxonomia dos presidenciais 2010, estruturada em 49 grandes classes temáticas. Para tanto, levaram-se em consideração os discursos registrados em fontes de informação oficiais, proferidos diretamente ou atribuídos aos candidatos. O objetivo do trabalho foi proporcionar maior precisão na recuperação de notícias, redes sociais de apoiadores ou detratores associados, tendências na condução da campanha, conduta discursiva e expressividade de mudanças no fluxo de informações.

Na estruturação do método utilizado,

articularam-se as análises documentária, de conteúdo, do discurso, de semiótica e de redes sociais (ARS) adotadas de modo sucessivo para conferir maior densidade e atribuição de identidade à rede discursiva proposta. Na composição do *corpus*, foram considerados os discursos dos três candidatos melhor posicionados nas pesquisas de intenção de votos no mês de junho de 2010.

Os discursos dos candidatos e sua reverberação estiveram sempre condicionados à clusterização fenomênica das trocas de mensagens em ambientes digitais e midiáticos. Assim, os discursos se sobrepuseram ao longo da campanha devido à necessidade de reagir ao curso dos acontecimentos com base no monitoramento eletrônico “tag a tag”. O único momento da campanha em que foi possível identificar a expressão de um lugar de fala pautado pelo compromisso ontológico ocorreu no discurso de lançamento das candidaturas, em junho de 2010. Naquele momento, os candidatos apelaram essencialmente ao passado político, a suas origens familiares e a seus compromissos de campanha.

Nesse sentido, os discursos apresentaram parcimônia e equilíbrio, evidentes, inclusive, nos verbos e expressões. Verificaram-se 298 verbos no discurso de Dilma, 261 no de Serra e 394 no de Marina, com 1.203, 1.154 e 1.477 variações nas formas verbais flexionadas, respectivamente. Os verbos “querer” e “fazer” estiveram presentes como ponto coincidente nos três discursos manifestos nas formas “quero” e “fazer”. Enquanto Dilma adotou os termos “seguir” e “mudar” (e a flexão mudando), os verbos “ir” (e a flexão vamos) e “poder” deram o tom dos discursos de Serra, e os verbos “agradecer” e “trazer” marcaram a retórica de Marina Silva.

Dilma Rousseff foi generosa nos elogios a Lula. Aproveitando a popularidade do presidente, ela se apresentou como a mulher capaz de realizar a continuação da mudança tão necessária ao país. Assim, o seu discurso foi pautado pela utilização repetida de termos que giraram em torno dos conceitos de continuidade e evolução. Verificou-se também que expressões como “candidata de Lula” e “mãe do PAC” foram associadas a ela com bastante regularidade na mídia. Outra estratégia refere-se ao emprego de verbos que remetiam às ideias de continuidade e evolução (“seguir”, “mudando”, “ampliar”, “continuar”, “investir”),

do coletivo (“podemos”, “somos”, “precisamos”, “vamos”, “nossos”, “temos”) e de sua capacidade e experiência (“sei”, “criei”, “planejei”, “acompanhei”).

As estratégias discursivas de Serra foram demarcadas pelas expressões “tenho”, “acredito”, “sou”, “sei”, “estudei” e “fui” como emblemáticas de sua capacidade e preparo para o cargo político pretendido. Em momentos de detratção aos adversários políticos, não poupou expressões como factoides e armações, guerra de baixarias, guerra de dossiês, loteamento político, máquinas oficiais, neocorruptos, patota corporativa, patrulha de ideias e tititi.

O foco do discurso de Marina Silva foi sua história na vida pública e propostas para a constituição de um governo voltado para uma economia de baixo carbono e o atendimento às necessidades das famílias de baixa renda. Assim, verificam-se em seus discursos expressões como recomposição vegetal de áreas de plantação, ética dos valores, economia de baixo carbono, biodiversidade, crédito de carbono, entre outros. Questionada acerca de temas polêmicos, como liberação do aborto e casamento entre homossexuais, ela foi categórica e pontual: “Não faço discurso de conveniência para agradar grupos específicos”.

Os acontecimentos sobre a quebra do sigilo dos dados fiscais de aliados e parentes de José Serra, incluindo sua filha, e as acusações e denúncias feitas pela imprensa à ex-ministra-chefe da Casa Civil, Erenice Guerra, certamente forçaram uma reconfiguração dos discursos dos três candidatos e as contradições e manobras tornaram-se mais perceptíveis no cenário midiático online.

Resta saber de que modo essas novas estratégias discursivas de monitoramento social e marketing político se consolidarão no cenário político nacional.

\*Professora da Escola de Ciência da Informação da UFMG

\*\* Doutoranda em Ciência da Informação pelo PPGCI/ UFMG

\*\*\* Mestre em Comunicação Social pela PUC Minas

# Incentivo aos **PRODÍGIOS**

*Estudantes com talento especial para matemática recebem bolsa para cursarem graduação e pós simultaneamente*

Flávio de Almeida

O estudante Demétrio de Oliveira Silva, 20 anos, enfrenta uma maratona. Aluno do quinto período de Engenharia Mecânica, também cursa matérias do bacharelado em Matemática e até uma disciplina isolada na pós-graduação, já como preparação para o mestrado. A linha de chegada está demarcada: o final do ano de 2012, quando espera ter concluído a graduação em Engenharia Mecânica e a pós-graduação em Matemática.

Demétrio integra, na UFMG, um grupo de 81 alunos que recebem bolsa para cursar uma graduação e mergulhar no universo das fórmulas e algoritmos da matemática. Eles são vinculados ao Programa de Iniciação Científica e Mestrado (Picme), criado pelo governo federal para incentivar medalhistas das edições de 2005 a 2009 da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e da Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM). Com o incentivo, fazem sua graduação e, ao mesmo tempo, recebem sólida formação matemática, que pode encaminhá-los para a pós-graduação na área.

Demétrio: aeronáutica com matemática



Aline Dacar

Natural de Governador Valadares, onde estudou no Colégio Tiradentes, Demétrio foi medalhista de bronze em 2007. Na graduação em Engenharia Mecânica, ele já optou pela área de Aeronáutica e planeja, inclusive, relacionar os estudos de aviões com os cálculos da matemática no mestrado. “Já tenho até um possível orientador”, diz ele.

## Nivelamento

Os bolsistas do Picme têm perfil bem definido. Donos de talento especial, muitos saíram de cidades distantes, estudam sozinhos, são intuitivos e, por fazerem outros cursos, não possuem educação matemática tão apurada quanto a dos colegas da área. Para se nivelarem a eles, todos os bolsistas cursam um conjunto de matérias básicas na graduação como preparação para a pós-graduação. “É uma espinha dorsal formada por sete disciplinas”, informa o professor Mário Jorge Dias Carneiro, um dos coordenadores do Picme na UFMG.

O Picme é um programa nacional financiado por CNPq e Capes e gerenciado pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (Impa). Conta com cerca de 600 alunos vinculados a 34 programas de pós-graduação em Matemática de 30 instituições e 18 estados. O da UFMG reúne o maior número de bolsistas, 81. Cerca de 50 estudam na própria Universidade e os demais são vinculados a instituições mineiras sem programas de pós-graduação em matemática.

“É uma política de governo que se constitui, de certa forma, em resposta aos maus resultados alcançados pelo país nas avaliações de matemática”, define a professora Sylvie Oliffson Kamphorst, outra coordenadora do programa. Ela acrescenta que a iniciativa “representa um reconhecimento da matemática como área fundamental para o desenvolvimento da engenharia e da tecnologia brasileiras”.

Essa premissa serve de argumento ao professor Mário Jorge quando esclarece que o programa não pretende cooptar alunos de outros cursos. “A intenção é oferecer instrumental para que eles fortaleçam a sua formação”, garante. Embora a maioria esmagadora dos bolsistas faça Engenharia, há alunos de cursos em que aparentemente a matemática exerce papel periférico, como Administração, Farmácia, Medicina, Design de Produtos e Arquitetura.

Este último tem uma representante. Stella Marrocos, 19 anos, aluna do 3º período. No bacharelado, ela cursa Introdução à Geometria Diferencial e terá que fazer outras cinco para cumprir a etapa de nivelamento. Sempre se deu bem com a matemática – tanto que foi medalhista de bronze na OBMEP de 2008 –, mas também gosta de desenhar. Daí sua opção pela arquitetura. Stella diz que as disciplinas na matemática agregam muito à sua formação. “Em outros cursos, como a arquitetura, trabalhamos com as fórmulas dadas, prontas. Com o estudo da matemática, temos uma ideia de sua origem”, afirma.

## Olimpíadas despertam talentos precoces

As olimpíadas de matemática fazem parte do calendário da comunidade internacional da área desde o início do século 20, tendo revelado muitos pesquisadores de ponta. “Alguns vencedores da Medalha Fields {o principal prêmio da área} despontaram em olimpíadas de Matemática”, exemplifica o professor Mário Jorge Dias Carneiro. Segundo ele, esse tipo de disputa é importante para despertar talentos, pois a matemática tem a característica de envolver “jovens excepcionalmente dotados e que podem dar contribuições à produção científica de alto nível ainda bem cedo”.

A Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM), da qual participam alunos dos ensinos fundamental, médio e universitário, surgiram no início dos anos 1980. Já o certame destinado exclusivamente à escola pública, a OBMEP, foi realizada pela primeira vez em 2005. Desde então, reúne todos os anos cerca de 19 milhões de alunos de 97% dos municípios brasileiros.

# PRONTA para mais 25

Ao completar um quarto de século de criação, Editora UFMG celebra reconhecimento e prepara infraestrutura para crescer

Itamar Rigueira Jr.

Quase 900 títulos publicados e cerca de 700 mil exemplares vendidos depois, a Editora UFMG comemora 25 anos. Se os números parecem expressivos, vale ainda mais o reconhecimento que ela desfruta entre diversos setores. Para ficar apenas em um exemplo recente, enquête do jornal Valor Econômico com críticos literários e professores classificou a editora como a melhor entre as universitárias e a quarta da lista que incluía editoras comerciais.

O sucesso pode ser creditado a fatores como o amadurecimento das áreas de pesquisa e pós-graduação da Universidade e à política de publicar também autores de fora da instituição, incluindo estrangeiros. Essa é a visão do professor Wander Melo Miranda, da Faculdade de Letras, que dirige a Editora há mais de 12 anos, em mandatos sucessivos de dois anos – o nome do diretor é escolhido pelo Conselho Editorial e avalizado pelo reitor.

Os bons resultados do trabalho se refletem na grande procura por parte de autores, que naturalmente não podem ser todos atendidos. O cronograma para 2011 está praticamente fechado, e só poderão ser aceitos novos originais para exame no segundo semestre do ano que vem. Embora tenha lançado número maior nos últimos dois anos, a direção considera que, para trabalhar com tranquilidade, a Editora não deve publicar mais de 80 obras por ano. “Este ano foi preciso frear o ritmo de produção”, conta Wander Miranda.

Mas as perspectivas são de crescimento. Até o final de 2011, a Editora será transferida do prédio da Biblioteca Central para outro de quatro andares do novo complexo de atividades didáticas que está sendo construído atrás da Faculdade de Letras. “Instalados no espaço novo e com problemas de pessoal equacionados, em dois anos a Editora UFMG terá condição de publicar 100 obras por ano”, prevê o diretor.

## Perfil

A Editora UFMG foi criada em 1985, com origem no chamado Serviço Editorial e vinculada à Pró-reitoria de Pesquisa. Dois anos depois, a

## Quase uma profecia

Quando chegou ao campus Pampulha para trabalhar na Editora UFMG, há 25 anos, Claudia Teles apresentou ao professor Duílio Gomes, então diretor, calhamaço com os originais de um livro do maestro italiano Sergio Magnani, produzido em grande parte, ao longo de vários anos, durante suas viagens de trem entre Montes Claros e Belo Horizonte. Ela havia recebido o material quando atuava na editora Vega, que acabara de fechar. “Era um texto datilografado, com muitos trechos manuscritos, uma preciosidade”, recorda a coordenadora editorial, que hoje trabalha na editora da PUC Minas.

Pouco tempo depois, Claudia teve oportunidade de contar ao maestro que o livro seria publicado pela Editora UFMG. “Ele me disse então uma frase que para mim sintetiza a história da Editora: ‘Se forem rosas, florescerão’”. Cinco anos mais tarde, depois de muito trabalho de preparação, a cargo de uma pequena equipe, foi lançada a obra *Expressão e comunicação na linguagem da música*. “Fico muito feliz em constatar o sucesso da Editora, que, assim como o livro do Magnani, depois de muito trabalho, floresceu”, diz Claudia.

## Títulos publicados

2008: 95

2009: 86

2010: 58 (até 15 de setembro)

Total desde 1985: 892

## Livros vendidos: cerca de 700 mil Campeões de vendas (1998 a 2010):

*Química na cabeça* (Alfredo Luis Mateus) – 35.569 exemplares

*Um toque de clássicos* (Marx, Durkheim e Weber) – 29.382

*Manual para normalização de publicações técnico-científicas*

Júnia Lessa França e Ana Cristina de Vasconcellos – 26.539

*100 poemas*, de Carlos Drummond de Andrade – 15.083

*Física mais que divertida* (Eduardo de Campos Valadares) – 13.223

A professora Sônia Queiroz, da Fale, assumiu a função, intensificando a relação da produção com a vida da sala de aula, com maior autonomia editorial e preocupação de dar visibilidade à produção acadêmica e didática. “Na época começamos a delinear um perfil para a Editora, com as primeiras coleções e um projeto gráfico”, conta Sônia Queiroz, hoje diretora do Centro Cultural UFMG.

Longe da Editora há 15 anos – ela foi sucedida em 1995 pelo professor Paulo Bernardo Vaz, do Departamento de Comunicação Social –, Sônia vê avanços significativos em todas as áreas. “Houve grande aperfeiçoamento nos aspectos editorial e gráfico, ótima definição de conceitos para as novas coleções. Além disso, a Editora acertou no investimento em distribuição, e deu um salto enorme na questão da visibilidade. Hoje, seus livros são encontrados com facilidade”, analisa Sônia Queiroz.

## “Nosso **CATÁLOGO** mostra o que **UFMG PRODUZ**”

Ele dirige a Editora UFMG há mais de 12 anos, metade da vida do órgão. Antes foi vice-diretor e integrou o Conselho Editorial. “Uma editora universitária precisa de continuidade”, afirma Wander Melo Miranda nesta entrevista, em que fala também de critérios de publicação e relação com a comunidade universitária.

### Como a Editora transformou-se em referência entre as universitárias?

Tem a ver com o amadurecimento da própria UFMG. O crescimento dos cursos de pós-graduação, do número de pesquisas e de pesquisadores nas diversas áreas, deu lastro acadêmico à Editora. Também foi fundamental a política de publicar autores de fora. A Editora precisava ser forte no cenário nacional. Hoje, metade das obras é de autores da UFMG, a outra metade é publicada por pessoas de fora da Universidade (brasileiras e estrangeiras).

### Que critérios definem o que publicar?

Além da qualidade, todos os livros – de autores da casa ou não – têm de estar relacionados a linhas de pesquisa desenvolvidas na UFMG, abrangendo na medida do possível diversas áreas de conhecimento. Antes a Editora publicava mais na área de Humanidades. Hoje temos coleções de engenharia, educação física, música. Nosso livro mais vendido é *Química na cabeça* (cerca de 35 mil exemplares vendidos). A Editora diversificou seu catálogo e estreitou laços com a comunidade universitária. Se as pessoas quiserem saber o que a UFMG produz, uma das formas é abrir o catálogo da Editora.

### Como chegam propostas para publicação?

A maior parte é formada por livros encaminhados a partir de projetos da Universidade. Também buscamos autores nacionais e estrangeiros com base em sugestão de colegas e nos eventos. Muitas vezes editoras estrangeiras de autores que já publicamos nos mandam obras novas deles, com prioridade. Para ser aprovado e publicado, um livro demora até um ano e meio. Mas temos uma reserva para publicação de uma obra que precise sair em prazo muito curto.

### Quais são os grandes projetos?

Não temos, porque há uma rotina de trabalho, as coleções. Faltam recursos para produzir livros de arte, por exemplo. Vamos aumentar o número de títulos, atingir novas áreas. Livros mais elaborados graficamente

e mais caros têm sido produzidos em coedições com a Imprensa de São Paulo, a Edusp, a Editora da Unicamp, parceiras na Liga de Editoras Universitárias (LEU).

### A Editora é autossustentável?

Até mesmo as editoras comerciais têm apoio, já que são ligadas a grandes grupos e dependem de vendas para o governo. Como subsídio, temos o espaço físico e metade dos funcionários pagos pelo Tesouro – a outra metade é terceirizada. Os recursos que a Reitoria repassa cobrem parte do pagamento de direitos autorais. Para dar lucro, um livro deve ter tiragem mínima de cinco a dez mil exemplares, de cada vez. Mas nós temos que ir com cuidado, porque é imprevisível. Veja o caso de *O local da cultura* (de Homi Bhabha), que teve sua primeira tradução no Brasil. Imprimimos mil exemplares. Se inicialmente tivéssemos feito oito mil, teríamos tido lucro. Mas e se não vendesse? Nossas tiragens giram em torno de 1.500, dois mil exemplares. Isso considerado, a Editora, hoje, praticamente se sustenta. Com mais recursos, teríamos maior capital de giro e poderíamos reeditar mais rapidamente os livros que se esgotam rapidamente. É preciso que o livro esteja reimpresso um mês depois de esgotado, ou perdemos mercado. Esta questão precisa ser logo resolvida.

### Do ponto de vista de qualidade gráfica, em que estágio está a Editora?

Nossa qualidade gráfica equivale à de uma editora comercial. E é diferente do resto da América Latina, mesmo na Argentina e no México, que têm mercados editoriais fortes. O livro adquiriu no Brasil requinte gráfico ímpar. O leitor brasileiro não aceita mais padrão gráfico inferior.

### Por que essa diferença?

Uma das explicações é que a cultura visual no Brasil é muito forte. Na televisão e nos jornais brasileiros, a parte técnica se compara à dos europeus e americanos. E as máquinas para fazer livro são cada vez mais avançadas. Por isso, é muito difícil que uma editora, mesmo grande, tenha sua gráfica.



Foca Lisboa

Wander: Editora praticamente se sustenta

As máquinas mudam tanto e são tão caras que, para acompanhar, é preciso que a gráfica tenha uma enorme carteira de clientes. É cada vez mais sofisticado fazer um livro, uma revista. Mas é preciso cuidado para não exagerar. Certa vez, Borges {o escritor argentino Jorge Luis Borges} recebeu pelo correio uma edição de luxo de uma obra sua, olhou e devolveu para o portador. “Isso não é um livro, é uma caixa de bombons.” Um livro exageradamente enfeitado não é graficamente bem concebido.

### Como a comunidade da UFMG se envolve com a Editora?

A relação é muito profissional. Os autores sabem que seus originais serão submetidos a avaliação. A comunidade reconhece que trabalhamos sério, que conquistamos a duras penas um lugar no cenário nacional.

### O senhor ocupa o cargo há vários mandatos. Pretende continuar por muito tempo?

Gosto muito desse trabalho, ou não estaria aqui. E meu trabalho justifica minha permanência, os vários conselhos têm indicado meu nome. Uma editora universitária precisa ter continuidade. Aquelas que fugiram disso não tiveram sucesso.

# REPETIR ou PROGREDIR, eis a questão

*Pesquisa discute impacto da repetência sobre os alunos de baixo desempenho escolar*

Igor Lage

Aluno que não tirou boas notas deve “tomar bomba”? Essa é uma pergunta central nas discussões sobre o atual panorama do ensino no Brasil, principalmente quando se trata das séries iniciais. Diversas redes públicas de ensino, como a de Minas Gerais, já há algum tempo adotam o sistema de progressão continuada, que avança o aluno independentemente de seu desempenho e trabalha, no ano seguinte, as dificuldades que ele apresentou juntamente ao conteúdo novo. Mas muitos educadores e pais defendem que a repetência é a maneira mais eficaz de fazer com que o aluno aprenda o conteúdo necessário.

Essa polêmica motivou a realização da pesquisa *Repetir ou progredir? Uma análise da eficiência da repetência nas escolas públicas de Minas Gerais*, desenvolvida por pesquisadores de três universidades mineiras e divulgada este ano. O estudo é baseado nos resultados do Programa de Avaliação do Ciclo Inicial de Alfabetização (Proalfa) de 2008 e 2009. Foram analisadas as avaliações de mais de 40 mil alunos, repetentes e não repetentes, das redes estadual e municipal.

“Fomos incentivados pela possibilidade de usar uma base de dados recente, que poderia fornecer resultados empíricos para contribuir com o debate atual sobre a eficácia da repetência na vida escolar das crianças e com a premissa de que a retenção não garante maior aprendizado ao aluno”, afirma Vania Candida da Silva, doutoranda em Demografia pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG (Cedeplar) e uma das responsáveis pelo estudo.

Acompanhada por Juliana Ruas Riani (Faculdade de Itaúna) e Tufi Machado Soares (Universidade Federal de Juiz de Fora), a pesquisadora analisou os resultados do Proalfa e percebeu que, entre os alunos que apresentaram baixo desempenho em 2008, os não repetentes mostraram evolução maior do que os repetentes na prova aplicada em 2009. “Ao que tudo indica, a reprovação tem efeito mais negativo nas crianças do que positivo”, resume Vania.

## Razões e soluções

Para os três pesquisadores, os resultados do trabalho são apenas preliminares e ainda há muito o que debater em relação à questão, apesar de que as discussões tendam a caminhar para o consenso de que a repetência não é a melhor alternativa. “Além do desgaste emocional e da repercussão na autoestima da criança, expô-la ao mesmo conteúdo novamente, sem trabalhar especificamente suas deficiências, não tem-se mostrado um método eficiente”, reforça Vania da Silva.

O estudo mostra que o desempenho do estudante está diretamente relacionado à qualidade da escola. Por isso, a pesquisadora do Cedeplar defende que se invista na qualificação dos professores e na adoção de novas metodologias. Ela aconselha que sejam usados os resultados de provas como o Proalfa e das próprias avaliações internas como ferramentas de suporte na definição de estratégias para melhoria do desempenho dos estudantes.

“O ideal é que as deficiências dos alunos sejam detectadas e trabalhadas por meio de estratégias pedagógicas diferenciadas, que garantam a continuidade do processo de aprendizagem, sem que a retenção seja necessária”, afirma Vania. “Diversos países têm adotado o fim da reprovação ou sua redução a níveis mínimos, e estudos empíricos mostram que isso não acarreta perda de qualidade da educação”, acrescenta.

## Avaliação de desempenho

O Programa de Avaliação do Ciclo Inicial de Alfabetização (Proalfa) foi criado em 2005 por uma parceria estabelecida entre o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação (Ceale/FaE) e a Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais (SEE/MG). Seu objetivo é medir o desempenho de alunos das séries iniciais das redes públicas estaduais e municipais.

Com o apoio do Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação (Caed), são aplicadas, anualmente, avaliações que verificam os conhecimentos em leitura e escrita adquiridos pelos estudantes após dois anos de escolaridade (3º ano do ensino fundamental). Os alunos que apresentam desempenho considerado “baixo” repetem a prova no ano seguinte, independentemente do ano que estejam cursando.

Segundo os realizadores da pesquisa, a base de dados do Proalfa foi escolhida por apresentar informações atuais, confiáveis, de fácil acesso, e que abrangem toda a rede de ensino pública de Minas Gerais, além de superar uma limitação da maioria dos estudos que tratam da questão da repetência: a ausência de dados longitudinais.

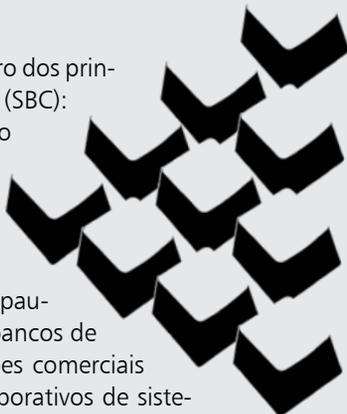
Vania: deficiências dos alunos devem ser trabalhadas com estratégias diferenciadas



## COMPUTAÇÃO

A UFMG sedia esta semana (5 a 8 de outubro) quatro dos principais eventos da Sociedade Brasileira de Computação (SBC): Simpósio Brasileiro de Banco de Dados (SBBD), Simpósio Brasileiro de Sistemas Colaborativos (SBSC), Simpósio Brasileiro de Sistemas Multimídia e Web (Webmídia) e Simpósio Brasileiro de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais (IHC).

Espera-se participação superior a 800 pessoas. Na pauta, estão propostas de adaptação de tecnologias de bancos de dados para necessidades específicas e implementações comerciais inovadoras; hiperfórum e web; impactos sociais e corporativos de sistemas colaborativos (blogs, e-mail e redes sociais) e relação entre máquina e computador. Mais informações pelo telefone (31) 3409-5860 e pelo endereço [www.ufmg.br/swib](http://www.ufmg.br/swib).



## Música com BRINQUEDOS

Show da banda Nós, Por Exemplo é atração do projeto Quarta Doze e Trinta do dia 6 de outubro. A apresentação será na Praça de Serviços, campus Pampulha, a partir de 12h30. O grupo é formado por músicos jovens de Belo Horizonte que exploram linguagens como a da poesia e a do cinema como base para sonoridades vindas de instrumentos inusitados: pianinhos, sanfonas e teclados de brinquedo, além de máquinas de escrever. A promoção é da Diretoria de Ação Cultural (DAC) e da Coordenadoria de Assuntos Comunitários (CAC) da UFMG, com entrada franca.

## TURMA de 60 na Educação Física

Nesta sexta-feira, dia 8, alunos da turma de 1960 da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG vão descerrar placa em homenagem aos professores de sua época. A cerimônia acontece às 10h, no terceiro andar do prédio da Escola, no campus Pampulha. Após o evento, os ex-alunos visitarão as dependências da Unidade.

## ELEIÇÕES para órgãos e comissões

Estão abertas, no período de 5 a 14 de outubro, inscrições de candidatos a representantes titulares e suplentes em órgãos e comissões da UFMG. O procedimento deve ser feito das 9h às 17h, na Coordenadoria de Assuntos Comunitários (CAC), localizada no prédio da Biblioteca Central (entrada pela lateral direita do edifício). As eleições acontecem em 9 de novembro (apenas no Hospital das Clínicas) e em 10 de novembro, em toda a Universidade. Informações pelo telefone (31) 3409-4587.

Os cargos são para os seguintes órgãos: Conselho de Diretores (um servidor técnico ou administrativo); Conselho de Curadores (dois professores); Conselho Diretor da Biblioteca Universitária (um funcionário técnico ou administrativo); Conselho Diretor da Moradia Universitária (um servidor técnico ou administrativo); Comissão Permanente de Pessoal Docente, CPPD (um professor da área de Humanidades); Comitê de Ética em Pesquisa, Coep (dois professores com experiência em pesquisa na área de Ciências da Natureza e dois funcionários técnicos ou administrativos).

## SER professor/a

Será realizada de 13 a 15 de outubro, a Semana Ser Professor/a. Organizada pela Faculdade de Educação, a atividade reunirá alunos de licenciatura e professores da Unidade em oficinas, palestras, atividades culturais e excursões. De acordo com os organizadores, o objetivo do evento é enriquecer a formação docente e debater temas de interesse que nem sempre podem ser tratados em sala de aula. As inscrições serão realizadas entre os dias 4 e 8 de outubro, no saguão da FaE.

## GEOLOGIA

Está aberto o processo seletivo da pós-graduação em Geologia para ingresso no primeiro semestre de 2011. Para o mestrado, o período de inscrições se estende até 22 de outubro. A documentação exigida deve ser entregue pessoalmente de segunda a sexta-feira, das 9h às 11h e das 14h às 16h, na secretaria do Programa, sala 3055 do IGC. A inscrição também pode ser feita por correspondência, desde que postada até 22 de outubro. Para o doutorado, as inscrições são efetuadas durante todo o ano.

Serão oferecidas 20 vagas, igualmente distribuídas entre o mestrado e o doutorado. As áreas de concentração são Geologia Regional e Geologia Econômica e Aplicada. Outras informações pelo telefone (31) 3409-5404 ou no endereço [posgeol@igc.ufmg.br](mailto:posgeol@igc.ufmg.br).

## Bolsas de EXTENSÃO

A Pró-reitoria de Extensão (Proex) está com inscrições abertas, até 25 de outubro, para o programa de bolsas de extensão relativo ao ano de 2011. As propostas devem ser apresentadas por professores e servidores técnicos e administrativos aos centros de extensão de suas respectivas unidades. A documentação necessária está disponível no site da Proex ([www.ufmg.br/proex/formulariosdb.php](http://www.ufmg.br/proex/formulariosdb.php)).

Os resultados serão divulgados até 20 de dezembro. Mais informações nas secretarias dos centros de extensão ou na Coordenadoria de Apoio a Gestão da Extensão da Proex, pelos telefones (31) 3409-4595 ou 3409-4637.

## LETRAMENTO internacional

Pesquisadores brasileiros e estrangeiros reúnem-se esta semana (5 a 8 de outubro) na Faculdade de Educação para o Colóquio Internacional sobre Letramento e Cultura Escrita. O evento vai apresentar, em mesas-redondas, conferências e sessões de comunicações, pesquisas sobre o tema *Diversidade e diferença na educação: cultura escrita, letramentos, políticas linguísticas e identidades*. Além de discussões teórico-metodológicas, o encontro pretende consolidar grupos de pesquisa e colaborações acadêmicas entre programas de pós-graduação da área. Saiba mais no site [www.ceale.fae.ufmg.br](http://www.ceale.fae.ufmg.br).

# Do FUTURO dos museus

Itamar Rigueira Jr.

O museu ainda não aprendeu a explorar as possibilidades do virtual, segundo o professor emérito da USP Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, um dos mais reconhecidos especialistas brasileiros na área, com múltiplas atividades dentro e fora do país. Ele fez conferência no dia 24 de setembro, na Escola de Ciência da Informação, como parte do ciclo que comemora os 60 anos da Unidade e a abertura do curso de Museologia.

Sobre a pergunta que serviu de tema para a exposição – *O museu tem futuro?* –, confessou, bem-humorado, que foi uma provocação. “Imaginei que os estudantes ficariam preocupados com seu futuro profissional e financeiro”. Confira alguns momentos da conferência.

## Museu mortal

Como organismo histórico, o museu é recalcável, mortal. Não é uma instituição universal. “Não existiu sempre, e não existe em todas as sociedades”, afirmou Ulpiano.

## Produto do Iluminismo

As coleções existem desde a Antiguidade, mas o museu é recente, do século 18. Surgiu no Iluminismo, com a associação do conhecimento empírico ao conceito de razão universal. Elementos naturais e artefatos passam a ser tratados como suporte de informação. Daí a ideia de conservação, que torna a informação disponível.

## Peso menor

Com o desenvolvimento da genética e da bioquímica, as fontes materiais começaram a perder o brilho. Também com a antropologia, que substituiu a cultura material pelas relações sociais. Com isso, o museu perdeu peso no campo do conhecimento.

## Imagem sem referente

A articulação entre a imagem e aquilo a que ela se refere está sendo “solapada”; a imagem virtual não precisa de referente. “Precisamos de um movimento pela inclusão do referente”, ele brincou.

## Informação é commodity

Informação e conhecimento tornaram-se commodities; tanto que se fala em injustiça cognitiva – uns têm acesso ao conhecimento, outros não. Os museus sofrem a pressão da abundância

da informação. E a informática criou nova forma de pensar o conhecimento, seu uso indiscriminado leva à banalização do conteúdo. “Há museólogos preocupados apenas com a credibilidade da Wikipédia, mas o problema é que temos respostas demais para perguntas que nem sabemos quais são”, ressaltou o professor.

## Percepção terceirizada

Nossa condição corporal está sendo negada, estamos terceirizando nossa percepção, nossas experiências. “O doente é reduzido a um conjunto de dados digitais, por isso de vez em quando se opera a perna errada”, disse. No mercado financeiro, o capital é transformado em fluxo de informação abstrata. E o fenômeno atinge os museus, pois a virtualização anula a fruição estética como experiência sensorial.

## Exposição blockbuster

O museu virou consumidor de produtos feitos por curadores que estão fora dele. E há as exposições blockbuster. Produziu-se uma mostra do Monet que tinha bolsas, cartões-postais e até os pratos que ele cozinhava. “Havia até mesmo telas do pintor”, ironizou.

## Gerentes de espetáculos

Surgiram os centros culturais que gerenciam teatro, cinema e artes plásticas, em vez de enfrentar a responsabilidade de operar acervos. “As concepções não são excludentes, pode se enriquecer a perspectiva de museu”, ressaltou o pesquisador.



Aline Dacar

Ulpiano de Menezes: abundância de informações pressiona museus

## Retórica sensorial

O virtual abre horizontes extraordinários, mas é mal aproveitado. Diversão é importante, mas não pode ser o modelo. Deve se resolver nas exposições a questão da retórica sensorial – com a criação de condições de interlocução.

## Copiar legendas

“Educação no museu não é fazer estudantes copiar legendas”, afirmou Ulpiano. Museu não é o lugar da palavra escrita, que já tem seus suportes. Ele tem que transformar a percepção, e os educadores devem explorar o que define a personalidade do museu.

## Espaço de ficção

O museu deve ser espaço de ficção, no sentido da origem da palavra, de produzir forma. Ficção não se opõe a verdade – é necessária em função da amplitude do que se quer conhecer e das limitações da inteligência humana. “No museu, crio uma forma, como faz o artista, para entender o universo, não para reproduzi-lo.”

## Formulador de perguntas

A resposta para a pergunta-título da conferência é positiva. “Não há instituição na nossa sociedade que possa desempenhar tão bem a missão de formular perguntas”, concluiu Ulpiano Bezerra de Menezes.